

Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE



Conselheiro
Marcelo



Jonas
Reis



Hamilton
Sossmeier



Mari
Pimentel



Prof. Alex
Fraga

005ª CECE 12MAR2024

Pauta: Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Cultura Popular Paulo Freire – NEEJA, proposta de mudança temporária de endereço devido a troca do telhado.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): (14h25min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude. Boa tarde a todos. Estão presentes os vereadores Prof. Alex Fraga, Jonas Reis e Conselheiro Marcelo que é quem vos fala. Temos uma pauta muito importante para falar que é sobre a situação da Escola de Educação de Jovens e Adultos de Cultura Popular Paulo Freire, proposta de mudança temporária de endereço devido à troca do telhado, o NEEJA. O proponente desta reunião, o Ver. Jonas Reis, trouxe para esta comissão para que a gente pudesse estar, de certa forma, tentando colocar esta comissão para poder achar uma solução, para que a gente conseguisse dar seguimento e não prejudicar essa escola que tem feito um trabalho muito importante, principalmente para essa turma aí que está atrasada, essa turma que precisa muito desse olhar, para que consigam fazer. Eu, como fui um conselheiro tutelar, Ver. Jonas Reis e Ver. Prof. Alex, por quase 20 anos, sei o quanto era importante tanto o EJA quanto o NEEJA. Então sei que

tem um significado muito grande para a vida dessas pessoas, aquelas pessoas que estão desacreditadas, aquelas pessoas que estão com falta de oportunidades. É uma pauta, um tema, muito importante para esta comissão. Como de praxe, então, passo a condução dos trabalhos para o proponente desta comissão, o colega Ver. Jonas Reis, para que possa conduzir os trabalhos nesta tarde aqui. Muito obrigado.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, presidente, pelo espaço e pela acolhida, cumprimento também o colega Ver. Prof. Alex Fraga, os colegas desta Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude. Nós estamos aqui com os professores Regis e Silvio do NEEJA Paulo Freire que conhecem bem a importância dessa instituição. É importante a gente lembrar que ela pode ter até 4 mil alunos, e hoje, na verdade, está subutilizada, porque não há um fomento para as pessoas ingressarem na EJA; existe, mas o poder público não está fazendo esse fomento. Então nós estamos falando aqui de uma instituição estadual, e ela importa muito para a cidade, porque nós temos ainda milhares de pessoas que sequer se alfabetizaram, que dirá então concluir o ensino fundamental, e se trata de manter o ensino no espaço regional da Zona Norte. A Zona Norte não pode abrir mão disso. Está aqui a professora Sueli, o professor Jeferson também, lutadores da região e da educação principalmente, estão também aqui e vão poder dar o seu depoimento. Mas eu quero destacar que a escola já se mobilizou, a comunidade escolar já levou um abaixo-assinado, estivemos juntos na Secretaria Estadual da Educação entregando. Á época, a secretária se mostrou bastante resistente, mas ao final disse que ia estudar a questão. Acontece que a educação, é importante a gente destacar aqui, ela não deve ser feita para os professores, está tendo um equívoco de entendimento, não deve ser o espaço educacional pensado para os professores exclusivamente, tem que pensar onde estão os alunos. Então eu não posso fechar uma escola que não está tendo problemas, porque são problemas pontuais, já estiveram engenheiros lá, o Silvio vai poder explicar, e jogar para outro lugar, no eixo, por exemplo, da Ipiranga, que já tem, já tem acesso. Eu vou

tirar de uma região e sabe-se lá até quando. Por quê? Porque obras, tem a programação da obra, só que ela vai demorar muito mais tempo; quem é do poder público sabe disso; vão vir vários problemas Então, na verdade, o que vai acontecer aqui é um processo de evasão, e é isso que a gente não quer que aconteça, a evasão dos alunos, esses poucos que já estão matriculados saírem, não acessarem, atrasar mais a vida deles. Então o grande problema é este. A secretaria estadual não está entendendo, ela precisa entender, ela precisa criar o mecanismo. Hoje em dia inclusive tem contêineres que se aluga, se pode resolver de várias formas, tem espaços ociosos de estruturas públicas às vezes do lado de outras secretarias que podem ser utilizadas, preparadas. Então o estudo que está sendo feito pela Secretaria Estadual da Educação precisa ouvir a comunidade. Eu até entendo, a secretária não é daqui, talvez lá em Goiás não se tenha essa cultura de conversar; aqui nós temos essa cultura de conversar com a comunidade. Aqui todos os políticos, independentemente de partido... aqui tem essa cultura, talvez a cultura dela não seja essa, mas acho que ela tem que entender um pouco qual é a nossa cultura, a gente acolhe e conversa com todo mundo, todo mundo: centro, direita, esquerda. Aqui, a gente senta para resolver com a comunidade e não dar uma ordem. Então, eu quero passar, já de imediato, ao professor Silvio, para apresentar aqui na Comissão de Educação de vereadores esse problema da comunidade; o professor Régis; depois, passamos para a professora Sueli e o professor Jeferson. Os vereadores colegas que quiserem fazer uso da palavra é só avisar.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Antes, eu gostaria só de pedir para os senhores, sempre que forem se apresentar, digam o nome completo e a entidade que está representando, para que fique gravado nas notas taquigráficas, até para depois, se precisarem da ata, vocês terem à disposição. Muito obrigado.

SR. SILVIO ALEXANDRE MELLO DE OLIVEIRA: Boa tarde, sou o professor Silvio Alexandre, do NEEJA Paulo Freire. Trabalho na rede estadual desde 1997.

Agradeço aqui a oportunidade, Ver. Marcelo, Ver. Jonas, Ver. Alex, todos bastante atuantes na área da educação. E o Ver. Alex, eu me lembro que há anos nós estivemos aqui essa pauta também. Agradeço aos colegas presentes e a todos que nos acompanham. Eu vou tentar ser bem objetivo, explicando o que aconteceu. No NEEJA Paulo Freire, nós tivemos vários problemas, vários embates desde 2016 lamentavelmente, governo Sartori e depois o governo Eduardo Leite para garantir o número de professoras, professores e funcionários também que pudesse dar, a gente pudesse ter ali, oferecer aos adultos e idosos aulas antes da aplicação de provas. Essa é uma briga antiga nossa no NEEJA Paulo Freire, e a gente vem conseguindo manter isso com muita briga que vocês vêm acompanhando. Todo ano, algum desarranjo, alguma tentativa de retirar professores, aquelas professoras e professores que se aposentam não são repostos, e o nosso grupo vem enxugando. Mas, agora, em 5 de fevereiro deste ano, nós fomos surpreendidos por uma situação diferente, nós fomos comunicados pela diretora... E aí é bom destacar que a nossa diretora, com quem a gente tem um convívio civilizado, mas precisa contextualizar que ela é uma diretora indicada ainda pelo governo Sartori, então, em última instância, ela sempre irá executar as ordens do governo Sartori e agora do governo Eduardo Leite. Em 5 de fevereiro, ela nos comunicou que nós precisaríamos nos mudar do NEEJA Paulo Freire, devido ao alagamento que aconteceu no dia 2 de janeiro. Realmente tem imagens mostrando, aconteceu um alagamento forte no dia 2 de janeiro dentro do prédio da frente, o prédio administrativo, porque 2 de janeiro, antes disso, no feriado de Ano Novo, entraram no nosso prédio, aproveitaram o feriado e entraram no nosso prédio pelo telhado, reviraram as telhas e levaram, roubaram um ar condicionado. Então, as telhas ficaram danificadas evidente e, no dia 2, naquela chuva forte, choveu forte dentro do prédio da frente. Isso foi arrumado emergencialmente, mas, desde ali, a direção passou a ver essa possibilidade de reformar ou mudar. E no dia 5, nos apresentou essa alternativa única: “Vamos nos mudar.” E nós começamos a questionar: mas por que nos mudar daqui? – em primeiro lugar. É um prédio histórico, 38 anos que o NEEJA está ali. Antes do NEEJA Paulo Freire, foi

durante algumas décadas, década de 70, década de 80, o colégio Daltro Filho, que fica na rua de trás atualmente, o General Daltro Filho. E depois, o Paulo Freire ocupou aquele prédio há 38 anos. Nós começamos a argumentar com a direção da escola e começamos a nos mobilizar e buscar o apoio de vocês, vereadores, deputados, enfim, entidades da sociedade, como a associação de mães e pais, nossos colegas de outras educações de EJA também, professoras aposentadas, como a professora Sueli que trabalhou lá no NEEJA Paulo Freire, enfim, os próprios estudantes, nós começamos a argumentar e colocar a seguinte questão: é ruim sair daqui, está enraizado aqui, tem memória, tem história, tem 38 anos trabalhando com jovens, adultos e idosos. Não é bom, e para onde nos foi oferecido é pior ainda. Então a ideia era nos levar e é nos levar para a Rua Felipe de Oliveira, ocupando o prédio da ex-escola, que foi extinta, a escola Felipe de Oliveira – de mesmo nome – que fica ao lado do extinto Ginásio da Brigada Militar, próximo à Rua Silva Só com a Av. Ipiranga. Nós colocamos a seguinte questão, em todos os espaços que nós podemos estar, nós colocamos a seguinte questão: é um local 4.100 metros distante do NEEJA Paulo Freire, é um local ermo, é um local isolado, é um local que não é adequado para os estudantes que usam o NEEJA Paulo Freire. Quem é o estudante, o jovem, adulto ou idoso que usa o NEEJA Paulo Freire? São jovens, adultos idosos do eixo Zona Norte de Porto Alegre. Eu listei, tenho aqui, posso deixar para vocês, 38 bairros da Zona Norte, servidos pelo NEEJA Paulo Freire e 12 cidades da Região Metropolitana que conseguem usar um ônibus ou o Trensurb e caminhar 10 minutos. Tenho, sim, aqui, deixa eu lhe dar aqui os bairros. Esses bairros todos usam um ônibus, vêm pelo eixo Assis Brasil, Benjamim Constant, Farrapos, Cristóvão Colombo e a própria 24 de Outubro e acessam o NEEJA Paulo Freire, caminham 10 minutos, caminham 15 minutos para economizar, para não usar duas passagens. Essa é a realidade do jovem, adulto, e idoso da EJA, e as cidade da Região Metropolitana. E a localização nossa ali é privilegiada, a circulação, os moradores, eu sempre digo os moradores do Moinhos de Vento, Ver. Marcelo, não estudam no NEEJA Paulo Freire, mas os trabalhadores do Moinhos de Vento estudam no NEEJA Paulo Freire, os

zeladores, os porteiros, toda essa turma que trabalha no Moinhos de Vento, os migrantes que moram no São Geraldo no Navegantes, na Villa Farrapos usam o NEEJA Paulo Freire. Então usam o ônibus, então esse é o argumento principal para nós, e lá na Felipe de Oliveira vai ficar difícil para esse povo, 80% dos nossos estudantes são do eixo Zona Norte de Porto Alegre e cidades da Região Metropolitana. Obviamente que os outros 20% vêm de outras regiões e que, na Felipe de Oliveira, vão conseguir se servir, mas nós temos trabalhando com uma realidade em que 80% vai se prejudicar. Tivemos duas reuniões com a secretária Raquel Teixeira, o Ver. Jonas nos acompanhou, foi de uma insensibilidade muito grande de desconhecimento. Ficou claro, na última reunião, quando nós entregamos o abaixo-assinado virtual com 10 mil assinaturas, o desconhecimento da secretária e dos seus assessores. Tinha ali um subsecretário que falou coisas extremamente equivocadas sobre a EJA. Isso nos deixa bastante preocupados, não estou aqui desmerecendo as pessoas, mas preocupado com essas pessoas, são as autoridades da Educação na área estadual e desconhecem a realidade do Rio Grande do Sul. É muito grave isso. Nesse sentido, nós nos movimentamos, fizemos abaixo-assinado, várias atividades, protestos, mobilizações e, lamentavelmente, eu tenho uma notícia de hoje para dar para vocês, de maneira muito estranha, às escondidas, hoje de manhã foi feita a mudança. Eu não estava hoje de manhã na escola, não era o meu turno, os professores foram pegos de surpresa, os alunos foram pegos de surpresa. Nos grupos de WhatsApp, os estudantes estão me perguntando que que está acontecendo. Foi feita a mudança lá para a Felipe de Oliveira. Dois caminhões encostaram na frente do NEEJA. A diretora, mais tarde, por volta do meio-dia, colocou um aviso nos grupos de que até sexta-feira nós não teremos aula, provas nem matrículas no NEEJA Paulo Freire em função disso, e na segunda-feira reabriremos na rua Felipe de Oliveira. A nossa avaliação é de que isso vai inviabilizar ali, à noite pior ainda, nem se fala, nós funcionamos manhã, tarde e noite, de segunda a sexta. Nós temos - vocês sabem melhor do que eu – 650 mil jovens, adultos e idosos em Porto Alegre sem educação básica. Nós temos 60 mil analfabetos em Porto Alegre, nós temos 2 milhões e meio na

Região Metropolitana. Então há demanda para isso e têm coisas absurdas, tipo essa que o Ver. Jonas falou, vão nos colocar no eixo da Av. Ipiranga, onde tem outros dois NEEJAs. Em um quilômetro, nós teremos três NEEJAs, o Paulo Freire, o Menino Deus e o Darcy Vargas, não faz sentido, e vamos deixar a Zona Norte toda desabastecida. Têm coisas graves com relação à Secretaria da Educação que eu não posso perder a oportunidade aqui de colocar, por exemplo, o NEEJA Menino Deus, que hoje está dentro do colégio Júlio de Castilhos, que tem um conflito ali, sabem onde ele deveria estar, vereadores? Acho que os senhores vão concordar comigo, na Restinga, atendendo a classe trabalhadora da Restinga. O nosso NEEJA deveria ficar onde está, ali no eixo da Zona Norte de Porto Alegre. O Darcy Vargas, na João Pessoa, onde está há 30 ou 40 anos e o do Centro, claro, onde tem. Então essa é a situação, e a Secretaria, por desconhecimento, por insensibilidade está cometendo uma um erro grave. Nós entramos em choque, é preciso dizer também, com a direção da escola, porque a direção é favorável à mudança. Respeitamos a opinião, mas discordamos e viemos colocando, tivemos retaliações, tivemos assédios, temos uma professora afastada por problemas psicológicos, entrou em laudo médico, a devido a um abalo emocional à pressão, coisas da escola. Os senhores, que são professores sabem, sabem: pequenas pressões, coisas dificultando a vida dos professores, entrou em licença saúde, e nós estamos nessa situação. Também estou denunciando, nós sofremos retaliação e pedimos o apoio de vocês para que não se permita isso. Mas a retaliação vem de quem? Da diretora, que tem o aval da 1ª CRE, que tem o aval, em última instância, da secretária da Educação, que não deixa de ter o aval do governador. É uma situação vergonhosa, lamentável. Vai prejudicar os jovens, os adultos e os idosos. Nós poderíamos fazer perfeitamente a reforma ali, como o vereador já colocou, a questão dos contêineres, nem tinha me lembrado disso... Sexta-feira aconteceu um fato, só para relatar para vocês. Sexta-feira choveu forte pela manhã aqui em Porto Alegre. Todo o nosso prédio dos fundos, onde tem oito salas de aula, todo o prédio lateral, onde tem os banheiros, a cozinha e a sala nº 2, secos, absolutamente secos. O prédio da frente, onde tem a sala dos professores, a

sala da vice-direção, a secretaria e a sala de aula nº 1, secas; apenas na sala da supervisão, que é uma pequena sala, escorria um filete de água. Obviamente que tem que ser arrumado isso. Mas o Estado não consegue arrumar uma goteira? Isso é grave. E o resto... pode ser arrumado perfeitamente e pintar, porque a gente defende a reforma, o Ver. Jonas conhece lá, tem vídeo dele lá na frente. Nós defendemos a pintura, queremos aquele lugar ali acolhedor, seguro, bonito, para receber os jovens, adultos e idosos desses 38 bairros e das 12 cidades da Região Metropolitana. É muito triste isso, eu estou trazendo aqui. Vamos para lá, vamos para a Felipe de Oliveira? Vamos, nós somos servidores públicos, claro que sim, mas nós vamos continuar denunciando que é um grave equívoco da Secretaria de Educação que vai prejudicar, que em nada vai colaborar para reduzir esses índices de jovens, adultos e idosos que não têm a educação básica. O NEEJA Paulo Freire, o nosso, é o único que tem alfabetização. Os outros NEEJAs não têm mais, retiraram, e nós vimos, pela nossa mobilização, resistindo. É o único que tem alfabetização. Quem vai se alfabetizar lá? Pessoas de mais idade que não conseguiram estudar na época adequada e não vão para lá. Nós consultamos os estudantes, vereadores, eles nos disseram: "Professor, é um local muito ruim, é um local [eu tenho vídeos, eu tenho áudios gravados dos estudantes], distante, inseguro". A Ipiranga tem um grande volume de carros e de ônibus, mas não tem circulação, não tem bares, não tem locais ali para tu ficar mais seguro. E a Felipe de Oliveira está ali, a escola está no meio de duas grandes obras, um murão do corpo de bombeiros, que eu acho que vai sair dali também, meio deserta aquela situação ali, um local ermo, um local distante e ruim.

Aí nós fizemos propostas, vereadores. Se precisa sair para reformar, não tem jeito, tem que sair para reformar, então nós listamos escolas, eu vou deixar com vocês também, no entorno do NEEJA Paulo Freire, algumas têm prédios, infelizmente, ociosos, subutilizados: o Irmão Pedro, que fica ali na Félix da Cunha, entre a Farrapos e a Cristóvão; o Piratini, que fica na Eudoro Berlink, tem uma subutilização hoje, infelizmente, uma série de razões; o próprio Olegário Mariano, que é na rua Olinda, todos eles eu listei a metragem aqui. O Daltro Filho

eu tirei fora, porque está com 400 alunos, não tem espaço para nos ceder, mas os demais teriam condições no ceder. E o último ali, o Felipe de Oliveira, 4.100 metros, é a pior opção, é um tiro no pé, para prejudicar o NEEJA Paulo Freire. A gente apresentou propostas também. Tem que sair? A gente acha que não precisa sair, dá para ficar aqui, dá para reformar, tendo boa vontade, tendo bom senso, dá para ficar aqui e reformar. Queremos a reforma. Ah, não tem jeito, tem que sair? Apresentamos essas alternativas aqui para um mês, dois meses, três meses, enfim. Seria uma coisa para se acertar. Acho que, basicamente, é isso. Eu queria agradecer a oportunidade de vocês, pedir o apoio de vocês nessa denúncia. O Ver. Jonas nos acompanhou naquela reunião com a secretária, quando nós entregamos o abaixo-assinado, saímos dali e entregamos lá no Ministério Público. Foi uma reunião muito dura, muito ruim, eu fiquei impressionado com o despreparo dos subsecretários que estavam ali com a secretária Raquel, o desconhecimento da situação, da importância de estar ali o NEEJA, de servir aos jovens e adultos daquela região, daqueles bairros todos. É terrível a situação, e a gente vai continuar denunciando. Vamos trabalhar lá firmemente sim, vamos ter que trabalhar, não vamos nos negar a trabalhar, é claro, mas vamos apontar, continuar apontando o que é um equívoco que pode levar ao fechamento do NEEJA Paulo Freire. É ruim para todos nós os jovens, adultos e idosos não conseguirem concluir seus estudos.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado, professor. Quantos alunos hoje, por favor?

SR. SILVIO ALEXANDRE MELLO DE OLIVEIRA: Boa pergunta, vereador, obrigado. Matrículas no mês, já abertas o ano todo, qual é a nossa lógica lá e dos outros NEEJAs também, mas eu vou falar pelo Paulo Freire. Funcionar de segunda a sexta, manhã, tarde e noite, oferecendo aulas, provas, a partir dos 18 anos até 80 anos, tem alunos lá, e matrículas. No ano passado, nós terminamos o ano com 1.994 matriculados; desses, em torno de 800 concluíram seus estudos e obtiveram o histórico, o diploma, tivemos duas formaturas, uma no

meio do ano e outra no final do ano, tenho fotos para mostrar, mas, como disse o Ver. Jonas, nessa modalidade em que nós funcionamos, de segunda a sexta, manhã, tarde e noite, oferecendo aulas e provas, nós podemos atender até 4 mil ali no Paulo Freire, naquele espaço do Paulo Freire ali.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): São três turnos, no caso: manhã, tarde e noite.

SR. SILVIO ALEXANDRE MELLO DE OLIVEIRA: Exatamente.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado, professor.

SR. SILVIO ALEXANDRE MELLO DE OLIVEIRA: Vereador, e esse agora, até o dia de hoje, nós já estamos com em torno de 270 matriculados.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Professor Regis.

SR. REGIS BATISTA ETHUR: Boa tarde a todos os presentes, aos vereadores, ao meu colega Sílvio. Meu nome é Regis, eu sou professor da EJA Dolores Alcaraz Caldas, da Educação de Jovens e Adultos, que é na Zona Norte, não é um núcleo, é uma escola de jovens e adultos que funciona por semestre, oferece... (Problemas técnicos no som.) ...do ensino médio, primeiro, segundo e terceiro ano. Eu acompanhei desde o início essa mobilização em relação ao NEEJA Paulo Freire e a minha conclusão é categórica de que existe uma política deliberada por parte da secretaria da educação, por parte do governo do Estado, de tornar mais difícil o acesso dos estudantes e especificamente jovens e adultos a uma nova oportunidade, porque a rigor eles já sofreram prejuízo de não poder estudar no período regular, em sua época regular, e agora estão sofrendo uma nova penalização. Então, são jovens e adultos e muitos negros e negras, trabalhadores e trabalhadoras que sentem a opressão diariamente, as dificuldades e o acesso à escola, e agora esta postura do governo que é uma

postura intransigente, como o Sílvio colocou, mas uma postura que representa indiferença ao direito à educação. É deliberado porque há uma intenção de sufocar o acesso à Educação de Jovens e Adultos. Na minha escola, tem sido feita uma redução permanente das turmas, em várias outras escolas de EJA, a gente tem esses relatos. Eu tive relato da escola Álvaro Braga, da escola Agrônomo Pedro Pereira, várias escolas em que deliberadamente o governo do Estado ou fecha, encerra turmas, não abre novas matrículas para novas turmas. A minha escola chegou a ter, na EJA, no turno, três turmas de cada série. Hoje nós temos uma turma, por orientação do governo, e com enturmação, com excesso de alunos, etc. Existe uma resistência por parte, no caso da minha escola, desde a direção, dos professores e professoras, mas a resistência do governo é muito grande, tanto no sentido de evitar que a comunidade saiba que existe, que conheça o direito ao acesso, como de manutenção. Então, a evasão, todas as medidas que eles fazem vão no sentido de aumentar a evasão. Eu não tenho a menor dúvida que essa atitude em relação ao NEEJA, de afastar, de tornar mais difícil o acesso, tem o objetivo categórico de que, ali adiante, eles possam fechar com menor resistência. Eu não tenho a menor dúvida disso, a secretaria de educação se mostra intransigente, foram dez mil assinaturas da comunidade escolar – que envolve professores, alunos, os estudantes, os moradores da região –, foi um movimento muito grande, com repercussão na mídia, e nem isso sensibilizou o governo e não vai sensibilizar. A nossa opinião é de que há uma ofensiva no sentido de reduzir o acesso, de acabar privatizando o acesso à escola pública. O governador, o Eduardo Leite esteve semana retrasada em São Paulo, fazendo uma palestra de PPPs e iniciativas para tornar, vender os setores que o Estado hoje é responsável, para a iniciativa privada e, entre elas, apresentou 100 escolas do Estado para disponibilizar para a iniciativa privada. Ou seja, existe uma orientação de tornar a educação uma mercadoria tão somente, essa é a linha do governo, eles não vão recuar enquanto não houver uma grande mobilização que ultrapasse as fronteiras, que unifique a comunidade escolar, os professores em defesa do direito ao acesso público gratuito e de qualidade. A educação de jovens e adultos tem sido visada, é uma

das ofensivas do governo. E se a gente não tiver uma iniciativa como foi feita agora pela comunidade escolar do NEJA Paulo Freire, a gente vai ver as portas sendo fechadas gradativamente, com mais prejuízo crescente para todos os setores que dependem da escola pública.

Essa mobilização aqui é importante que se torne mais forte. Hoje, se está havendo a mudança, que seja assim como houve também em relação ao Instituto de Educação, em que o governo quis... Simplesmente não ia haver retorno do Instituto de Educação se não houvesse uma grande mobilização da comunidade escolar. A gente precisa saber que está nas mãos da classe trabalhadora, está nas mãos dos jovens e da comunidade escolar a gente derrotar esse tipo de atitude, esse tipo de estratégia para a educação no Rio Grande do Sul. Muito obrigado.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado, professor Regis. Só uma pergunta: eles deram um prazo para vocês de término da obra lá, e vocês correm o risco de não retornar mais para lá? Seria isso ou tem alguma outra possibilidade?

SR. SILVIO ALEXANDRE MELLO DE OLIVEIRA: Vereador, quando nós entregamos o abaixo-assinado, que o Ver. Jonas estava junto, para a secretária, ela não se comprometeu com nenhum prazo. Qual foi a resposta dela para as nossas indagações? Numa primeira reunião, ela disse uma coisa que me surpreendeu, que o Estado tem dinheiro. Eu disse “opa”, a secretária da Educação disse que o Estado tem dinheiro, então, se tem, gasta R\$ 20 mil, R\$ 30 mil no Paulo Freire, que é o que precisa. Na segunda reunião, ela disse que se reuniu com a secretária de Obras Públicas do Estado e decidiram o seguinte: o NEJA Paulo Freire não é a prioridade para reformas. Portanto, nós iríamos ter que sair, como estamos saindo hoje, sem prazo para iniciar a reforma, muito menos para terminar e muito menos para voltar – isso é grave.

Vereador, permita-me uma questão, o senhor foi conselheiro tutelar, uma questão interessante que eu quero colocar aqui: lá na Escola Felipe de Oliveira

existe, junto à Comissão de Educação da Assembleia Legislativa, uma demanda por conveniamento para a educação infantil. A Escola Felipe de Oliveira poderia hoje atender tranquilamente 500, 600 crianças na educação infantil, de zero a cinco anos. O Estado com essa mudança aí, essa mureta, desculpa a palavra, está prejudicando a educação infantil e está prejudicando a educação de jovens e adultos.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Eu queria agradecer aqui a fala da escola, muito esclarecedora para nós. Mas é importante destacar que no dia de hoje, em Brasília, o governo federal anunciou R\$ 2,5 bilhões para a educação, principalmente da última etapa da educação básica, ensino médio, serão 100 novos Institutos Federais, o Rio Grande do Sul ganhará cinco: cidade de Gramado, ganha um; São Leopoldo ganha outro; Caçapava do Sul; São Luiz Gonzaga, em regiões diferentes; e Porto Alegre vai ganhar mais um. Hoje Porto Alegre tem o campus da Restinga e tem um no Centro. O Instituto Federal, para quem não sabe, oferece ensino médio integrado, também tem os cursos subsequentes, educação tecnológica e profissionalizante, que é muito importante porque isso ajuda a desenvolver novas profissões. E a gente sabe que nem todo mundo quer ir para a universidade e não são todas as profissões que passam por dentro da universidade, não são todas as profissões que têm o nível superior. O que acontece? Na Europa, muitos cursos de nível médio e nível técnico são tão valorizados quanto o ensino superior, só que a cultura do Brasil se criou a ideia de que estar na universidade que é a grande coisa, é o grande salto, é a grande virada, mas, na verdade, a grande virada é condições de trabalho e condições salariais. E hoje nós temos desindustrialização no Rio Grande do Sul, porque a gente não desenvolve a educação profissional, a gente precisa avançar. Então, eu acho que Porto Alegre tem essa conquista, serão cerca de R\$ 25 milhões investidos que vão gerar emprego, só nesse Instituto Federal de Porto Alegre; em nível de Brasil, são R\$ 2,5 bilhões, faz parte do PAC, do Plano de Aceleração do Crescimento, plano nacional.

Sobre o NEEJA, que é importante, eu queria ressaltar que esses alunos que saem do NEEJA poderão ingressar, e deverão ingressar, em escolas em que possam se profissionalizar. Muitas vezes as pessoas procuram a EJA para conseguirem o diploma e crescerem na sua carreira profissional, ascenderem, às vezes, dentro de uma empresa. Mas também a EJA é o direito de acessar, professor Jeferson, e já passo para você, acessar cultura, ciência e tecnologia. São três coisas diferentes que a humanidade produz através do trabalho. A cultura, não estou falando aqui de cultura no sentido artístico, não estou falando aqui de artes plásticas, música, dança, teatro estritamente; estou falando cultura sobre tudo isso que nos circunda, essas relações que a gente estabelece entre as pessoas, é tudo aquilo que a gente produziu de avanço, e isso a gente chama de cultura. Então, temos cultura alimentar, nós temos cultura de relações, a civilização, quer dizer, nós temos padrões de comportamento. O próprio parlamento tem uma cultura. Se olharmos o parlamento em outros países, é um pouco diferente do nosso. Então, as pessoas que não podem acessar a educação na hora certa, na idade certa, elas precisam da EJA, e a EJA tem que estar regionalizada. Então, eu me sensibilizo, professor Sílvio e professor Régis, com isso, porque se tirar de uma região e colocar na outra, a gente não vai cumprir o direito à educação. O direito à educação é onde a pessoa mora. Eu vejo muito, por exemplo, no Lami, independente de governos, o Lami há muito tempo recebe poucas escolas, recebe pouco fomento. E sabem o que acontece lá dentro do Lami? A maioria das pessoas não acessam a ensino superior. Por quê? Porque a criança pequenininha não consegue acessar a educação infantil; então já em nível de competição, porque a sociedade é meritocrática, essa criança só acessa o 1º ano do fundamental, então ela já perdeu tempo de aprender sobre tudo o que existe no mundo. E aí, no ensino fundamental, a gente tem mais séries iniciais e dificuldade de ter as séries finais. E de ensino médio, a gente tem só duas escolas em todo o Extremo-Sul. No Lami só tem uma escola de ensino médio. E é enorme o Lami – vem lá da beirada, lá em Viamão, até o início da Restinga. Então, vocês imaginem que nós estamos falando aí de mais de 20 quilômetros de extensão. Quem é que vai caminhar 20 quilômetros para

chegar numa escola? E ter o dinheiro para a passagem? Como é que a pessoa vai pagar, se tem dois, três filhos, ganha um salário mínimo? Então, a gente acaba gerando o bloqueio dessas famílias a ascenderem socialmente, de os seus filhos acenderem. Por isso que eu estou falando que o NEEJA Paulo Freire localizado onde está garante que essas pessoas ali possam concluir a escolaridade e avançar socialmente. Porque a educação faz isso, ela não só liberta a mente, porque a gente aprende sobre ciência, aprende sobre o mundo, a gente constrói uma consciência cidadã, sabe usar bem os recursos. Muitas vezes as pessoas olham assim na rua e dizem: “Ah, esse lixo acumulado... Aquele foco de lixo ali...” Trata-se de educação ambiental, consciência coletiva. E ninguém nasce com isso; a gente aprende, discute na escola, não é, professora Sueli? Quantas vezes a gente discute com os alunos, e muitos aprendem na escola a separar o lixo. Eu sou um exemplo, eu aprendi lá na terceira série – na época eram séries, agora são anos. Faz bastante tempo. E aí levei isso para dentro de casa; minha mãe e meu pai não faziam. Então, a escola é importante para todo mundo, para construir o bem viver. Acho que a gente tem que lutar pela NEEJA Paulo Freire.

O Ver. Prof. Alex está com a palavra.

VEREADOR PROF. ALEX FRAGA (PSOL): Eu queria fazer algumas considerações e até contextualizar a Ver.^a Mari Pimentel, que está com a gente aqui; o Ver. Hamilton Sossmeier, que está em dois espaços ao mesmo tempo, está participando da nossa reunião, mas está de olho em outra atividade que está acontecendo neste momento. Vou fazer uma síntese do que a gente debateu até agora, talvez seja importante. As diferentes modalidades de ensino se prestam e atingem públicos distintos. Em relação à educação de jovens e adultos, Ver.^a Mari, é importante que nós tenhamos esses espaços de qualificação e preparação pessoal próximos aos locais onde as pessoas trabalham. Um grande volume do público atendido por essas instituições serve justamente às pessoas que trabalham no entorno, porque vão sair, ao final do expediente, por exemplo, procurar a escola, vão ter ali 30 minutos, no máximo

uma hora, para fazer o deslocamento. Se a oferta for feita próximo de onde a pessoa mora, ela não vai ter tempo de se deslocar; ela vai chegar sempre atrasada, e isso gera desestímulo e evasão.

Então, ter esses espaços em regiões mais centrais, próximas aos centros laborais das pessoas, é fundamental. E o NEEJA Paulo Freire fica muito bem localizado. Nós temos ali a Av. Benjamin Constant, Av. Cristóvão Colombo, Rua Coronel Bordini, nós temos muita gente que trabalha no entorno e, por isso, a escola terminou o ano passado com quase 3 mil matrículas, formando 800 pessoas. Então, é um equipamento público importantíssimo. E o professor estava falando que o deslocamento para a Rua Felipe de Oliveira, que fica na Av. Ipiranga, não vai servir a esse mesmo público. Aquele público ali, os trabalhadores do entorno, vão ficar desassistidos, e ele passou – talvez tenha te passado também – uma lista com algumas escolas, alguns equipamentos públicos nas proximidades que poderiam abrigar os estudantes, os professores, enquanto as reformas não saem do papel. Se o problema é reforma, acho que cabe à nossa comissão – e eu já faço uma sugestão para o nosso presidente de encaminhamento – de mandarmos um ofício à Seduc, Secretaria de Estado da Educação, perguntando sobre prazos. Isso é importante, prazos para a conclusão dessa reforma estrutural, porque é importante que a comunidade escolar saiba por quanto tempo eles ficarão provisoriamente atendidos na Rua Felipe de Oliveira e quando retornarão ao seu espaço de direito. Então, faço essa sugestão, não sei se os demais componentes da nossa comissão concordam com ela, acho que é um dos encaminhamentos.

Eu gostaria de compartilhar com vocês, em especial com os colegas professores, que nós tivemos aqui, em 2015, nenhum dos colegas estava aqui na Câmara, mas foi a primeira oportunidade que eu tive de ocupar a vereança como titular. Na época, eu fazia parte da CEDECONDH, a comissão que nós fazíamos parte no ano passado, e foi trazida à pauta de debate o fechamento da modalidade EJA em duas escolas: João Goulart e Neusa Brizola, na rede municipal. Que nomes emblemáticos, não é? Nomes vinculados ao trabalhismo.

Na época, o prefeito era do PDT, e isso me chamou muito a atenção, isso foi impactante, só que um dos elementos que foi trazido para o debate é que as direções dessas escolas estavam coniventes com relação ao fechamento dessa modalidade. Eles aceitavam, porque diziam que era muito trabalho disponibilizar alguém da direção para manter o espaço aberto, para fechar a escola no final da noite, porque faltava segurança, então, vamos fechar. A direção foi conivente, e isso é muito triste. Quando uma pessoa que tem a obrigação, o dever de zelar justamente para que um direito básico, um direito humano básico, isso é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, direito à educação, deveria zelar por isso, a pessoa é omissa, a pessoa é conivente com esse fechamento. Isso é muito triste, principalmente alguém que é vinculado, é um trabalhador, uma trabalhadora da educação.

Eu não sei – me desculpem, talvez vocês possam esclarecer – como funciona o processo de eleição nas direções das escolas estaduais? Porque nas escolas municipais a gente conhece, não é, Jonas? Inclusive, nós tivemos um problema na gestão passada, no governo passado, em que o secretário queria reformular o modelo de eleição. Na época, em 2018, eu era presidente da Comissão de Educação, desta comissão, e eu disse para todo o mundo que estava na reunião: “Gente, olha aqui, quem determina a abertura do processo eleitoral nas escolas é o conselho escolar. A Secretaria Municipal de Educação não tem nenhuma gerência, eles podem estabelecer prazos, colocar orientações básicas para seguir regramento, mas a lei está aí, e o principal protagonista é o conselho escolar. O conselho escolar chama o processo eleitoral, o conselho escolar abre as inscrições para a comissão eleitoral, para as pessoas se inscreverem para a comissão eleitoral, e, a partir dali, começa o processo”. Eu acho que é importante que a comunidade escolar de todas as nossas escolas promova esse tipo de movimentação, até para que tenham os seus representantes, as pessoas que vão lutar pelos seus direitos e pelo que a comunidade escolar entende como correto. Eu acredito no processo de gestão democrática e, por isso, tenho dois pés atrás com relação a indicações. Obviamente, se ninguém quer se envolver, se a comunidade tira o corpo fora e ninguém quer assumir esse protagonismo,

ok. Nós precisamos de direção. E aí, nesse caso, as indicações ocorrem. Mas eu acho que é necessário que haja aí um engajamento e um protagonismo da comunidade, do grupo de professores, dos estudantes, familiares também envolvidos que são parte da comunidade escolar e devem participar do processo ativo. Deixo aqui as minhas considerações...

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Professor, eu tive a oportunidade de ter trabalhado três anos na Secretaria de Educação. Trabalhei na época que o secretário Vieira da Cunha era o secretário de educação, então eu pude conhecer, porque uma coisa é estar do lado de fora, e outra coisa é estar do lado de dentro e conhecer a realidade, a máquina que faz funcionar a Secretaria da Educação. E a questão das eleições para diretores, as escolas que não se organizarem para fazerem uma eleição, a própria Secretaria da Educação nomeia diretores. Se determinada escola não tem chapa, no caso, não tem candidatura, então a Secretaria da Educação indica um diretor. Eu sei, porque há pouco tempo, lá no Colégio Carlos Fagundes de Mello, que é a maior escola da minha região, foi por indicação, daí o diretor cai de paraquedas numa região que ele nem conhece. Até na época eu tive que apagar alguns incêndios lá, porque tu pegares de diretor de uma escola no meio de uma comunidade, que é uma cultura diferente, né? Aí tu te deparas com tráfico e com várias situações que tu, muitas vezes, tens que intervir. Mas infelizmente são diretores que caem de paraquedas, sem ao menos conhecer a realidade da escola.

SR. SILVIO ALEXANDRE MELLO DE OLIVEIRA: Com relação aos NEJAS, vereadores, é um pouquinho diferente, é uma briga nossa inclusive para que nos NEJAS nós tenhamos o direito de escolher, eleger. A Secretaria da Educação alega que não tem conselho escolar – mas nós temos comunidade escolar. É necessário, a gente defende inclusive que a gente possa ter a eleição direta dentro dos NEJAS para poder votar. Então, essa é a situação dos NEJAS, o governo indica, lamentavelmente. Há algum tempo atrás, durante o governo, se não me engano, o governo Tarso Genro, era o processo de eleições nos NEJAS

também, e depois foi deixado de lado, abandonado, e é uma briga nossa para que a gente tenha o direito de eleger como as demais escolas regulares também.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Vou passar para o professor Jeferson.

SR. JEFERSON PEREIRA TANGER: Boa tarde a todos e todas, sou mestre em educação e especialista em educação de jovens e adultos, modalidade em que eu trabalho há 14 anos. Sou um lutador pela causa da educação de jovens e adultos, e assusta o desconhecimento que, tanto o governo municipal como o governo estadual, apresentam, não só sobre a EJA, mas em todas as modalidades da educação. Foram alterações que foram feitas na gestão democrática, e essa gestão democrática do jeito que ela funciona não dá mais conta. O governo Marchezan fez alterações na gestão democrática que prejudicou o processo democrático nas escolas municipais, e eu acho que o governo Melo mantém. Eu proponho e falo para os vereadores e para a vereadora que haja uma reflexão sobre a gestão democrática na educação, porque, sim, nessa questão de desterritorializar uma escola, como está sendo proposto para a escola NEEJA Paulo Freire. A questão da gestão democrática é importantíssima, é importantíssima porque existe alguns conceitos básicos, quando se fala de educação de jovens e adultos. Um deles é a relação dialógica. Não existe educação em todas as modalidades, mas principalmente na EJA que não seja uma relação dialógica. O que é isso? É consultar a comunidade sobre seus saberes, sobre suas memórias, sobre a história afetiva que elas têm de pertencimento com o prédio, com o local da escola. Nós somos professores e professoras da EJA e sabemos a dificuldade que é para um aluno, para um educando, para uma educanda da Educação de Jovens e Adultos, que já lida com o fracasso escolar, ter que trocar toda a sua rotina e ter que lidar com a sua baixo autoestima, pois são alunos que estão há muito tempo afastados da escola. Então, uma alteração de lugar é muito mais do que a gente pode supor. Isso assusta por dois motivos: primeiro, porque na cidade de Porto Alegre a iniciativa privada e a especulação imobiliária avançam a passos largos, estão

sempre de olho nos prédios públicos, não atentam para o sucateamento das escolas públicas municipais e estaduais e estaduais. Isso assusta, e assusta por essa falta de conhecimento técnico que é apresentado tanto pela Secretaria Municipal de Educação, quanto pela Secretaria de Estadual de Educação. A EJA é pertencimento, a EJA é acolhimento, e eu venho aqui hoje representando a Associação Mães e Pais pela Democracia, nós defendemos a manutenção do prédio do NEEJA Paulo Freire, como defenderam os professores, os profissionais de educação, meus colegas, em especial o professor Silvio, que foi meu colega na orientação educacional, e também a professora que está aqui presente, e o Ver. Jonas, que é um lutador em educação. Defendemos, então, a manutenção do prédio, que é um prédio histórico e tem muito pertencimento para esses educandos e educandas. E que nós tenhamos cuidado com a especulação imobiliária, que sejam traçados, que sejam apontados e definidos prazos claros, que isso seja claramente apontado, qual é o tempo necessário para fazer a manutenção no prédio para que os educandos e educandas que estudam naquela escola tenham a certeza de que vão retornar para um lugar onde eles têm memória afetiva, memória educativa e memória cultural. Então, a gente defende o pertencimento e a manutenção do NEEJA Paulo Freire no espaço onde se encontra. Isso é importantíssimo para a educação pública, porque se hoje sai o NEEJA Paulo Freire do espaço sem um prazo para retornar, daqui a pouco outras escolas e outros espaços educativos também vão estar sendo cotejados para essa tentativa desumanizante com a educação, e educação é humanização, humanização significa manutenção das pessoas no lugar educativo, onde elas têm pertencimento. A valorização desses profissionais que trabalham há muito tempo nessa escola, uma escola que tem quase 40 anos de história... Então não é legal, não é justo, e não é motivo de justiça social e de qualidade na educação trocar o NEEJA Paulo Freire de lugar sem um prazo definitivo para o seu retorno. Então, a Mães e Pais pela Democracia, eu, professor Jeferson Pereira Tanger, profissional da educação há mais de 20 anos, defendo o pertencimento e a manutenção do NEJJA Paulo Freire no espaço em que ele se encontra hoje. Queria agradecer a todos e todos pela escuta, à

vereadora e aos vereadores pelo espaço dado na comissão de educação, aos profissionais da educação e à professora aqui, que junto comigo são lutadores em defesa da educação pública de qualidade e educação de jovens e adultos para todos e todas.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, professor Jeferson. A professora Sueli está com a palavra.

SRA. SUELI DE FÁTIMA MOUSQUER: Boa tarde a todos os presentes, boa tarde aos vereadores, nossos representantes da cidade de Porto Alegre. Eu estou aqui também como ex-professora do NEEJA Paulo Freire, ex-professora de alfabetização de adultos na rede municipal, um trabalho que, para quem é educador, enche de orgulho. A gente trabalha com aquelas pessoas que muitas vezes param a sua vida, param de estudar, por questões econômicas, por fracassos pedagógicos, por uma série de coisas na vida, e quando elas retornam para o espaço da escola, elas retornam para conquistas, para avançar na sua vida. É muito triste que uma secretária de Educação, seja municipal ou estadual, não tenha essa compreensão, que uma diretora de um NEEJA tenha tido essa posição de propor a mudança de escola não enxergando, não fazendo uma análise de onde a escola está inserida. Isso me emociona, me deixa triste, porque o papel de um educador não é esse, o papel de um educador é pensar primeiro na comunidade em que ela está inserida. Um governo não pode pensar numa escola onde não tem uma comunidade que vá usufruir, que vá ocupar aquele espaço, se pensa numa escola num local onde exista quem vai usar. Assim pensa também um lojista quando vai botar uma loja, se ele não pensar para quem ele vai vender a sua mercadoria, ele não pode colocar uma loja naquele lugar, isso é lógica de mercado, e a educação, nesse sentido, tem que atender a uma comunidade. Quando governos, quando direções de escolas pensam nisso, para mim são contrários à própria educação, são pessoas que não enxergam o que estão fazendo nesse espaço. Aí eu entendo que essa direção, que essa secretária, para mim, ela não está insensíveis, ela têm um

projeto, e esse projeto é de não ouvir a comunidade, de não entender a comunidade, está pouco se lixando se essa comunidade precisa ou não de educação; então, isso me preocupa, isso me deixa nervosa, me deixa com raiva, me deixa triste, porque a gente vive num mundo atualmente em que o ser humano é desvalorizado, em que as pessoas não são olhadas na sua essência, nas suas necessidades. Isso me preocupa; aí eu coloco nas mãos de vocês, representantes do povo de Porto Alegre, para que tomem a frente dessa luta, exijam respostas claras, porque isso é um processo. Há quantos anos o NEEJA Paulo Freire vive em briga para o não fechamento da escola? Então, isso aí não é uma coisa que surgiu agora; agora surgiu uma oportunidade de talvez, como disse o professor ali, de encaminhar para o extermínio da escola, para o fechamento definitivo, porque não existem razões lógicas, já que a comunidade apontou várias alternativas de permanecer a escola naquela região, mas não foi ouvida! Alguém foi ouvido? A secretária conseguiu olhar os espaços e realmente verificar que os professores estavam apontando alternativas perfeitamente plausíveis? Isso não aconteceu; então, não há diálogo. E onde não há diálogo é difícil de se compreender o papel de uma secretária de Educação, o papel de uma direção de escola que, muito ao contrário de lutar pela permanência, ela propôs a saída. Isso é o papel que compete a quem é indicado, que daí não leva a questão a sério, do que ela tem que fazer por uma comunidade escolar. Isso é política, gente, política de governo, uma política de governo que não está nem aí. Aí cabem àqueles que têm sensibilidade, que olham suas comunidades, que entendem a necessidade do povo – parlamentar – as causas da comunidade. Eu acho que exigir essa resposta da secretaria, prazos de retorno, exigir o laudo técnico, que reforma é essa, que apontam nem R\$ 50 mil para reforma de uma escola grande? Isso não pode ser uma obra grande, gente, isso é lógico. Se fosse uma obra grande, envolvendo o telhado, seria mais de R\$ 100mil. Quando ela é menos de R\$ 100 mil é porque é uma obra pequena; por que a escola precisou sair do seu espaço para uma obra que não vai levar muito tempo? Eu acho que isso aí tem que ser questionado, esse laudo técnico, o que tem nesse laudo técnico? A escola realmente tem perigo de desabar ou é apenas uma visão

deles de querer tirar dali para que a escola possa sumir do horizonte daquela comunidade? Eu acho que tudo tem que ser questionado: prazo, laudo, o que o corpo técnico da Seduc diz? Vocês têm que ir a fundo nessas questões, para que o NEEJA Paulo Freire permaneça naquele lugar, onde está há quase 40 anos, servindo a uma comunidade que necessita, ela necessita; são trabalhadores excluídos do seu processo escolar, que retornam com o desejo de avançar e melhorar na vida. Então, assim, contamos aí, sou defensora do NEEJA, como sempre fui, alfabetizadora de adultos – é uma alegria ver uma pessoa de 70, 80 anos chegar no final do ano escrevendo um pequeno texto; aquilo, para ela, é uma glória de uma vida inteira. Disso sabe quem é educador! Esperamos que vocês também tenham a sensibilidade de compreender a luta dos professores que agora sofrem esse processo, até de perseguição, dentro da escola. Acho que o professor Sílvio era orientador e já foi retirado da orientação, depois desse processo; então, são perseguições que a gente tem que acabar, tem que acabar. Ou as pessoas dialogam, e a gente entra no melhor para comunidade. É um absurdo o que está acontecendo. Eu agradeço vocês aqui, espero que a comunidade escolar possa vislumbrar, assim, algumas coisas mais claras para o futuro da permanência do NEEJA nessa localidade.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, professora Sueli, pelo seu depoimento, pela sua luta. Passo a palavra para a Ver.^a Mari Pimentel.

VEREADORA MARI PIMENTEL (NOVO): Boa tarde a todos, presidente Marcelo, componentes da banca que nos acompanha aqui, público que acompanha, eu tinha pouca informação sobre essa situação, eu até sou vizinha, então passo bastante, caminhando, ali perto do NEEJA de vocês, sempre foi algo que me marcou, nunca tive a oportunidade de visitar, pena que agora descobri que fechou ontem. Espero conseguir visitar num futuro próximo. Sendo bem breve e objetiva com a situação, a gente tem algumas limitações, uma vez que é o núcleo do governo do Estado, mas como falou o Ver. Prof. Alex Fraga, a gente pode pedir informações, a gente pode acompanhar. Eu sugiro, e ainda

mais que a gente sabe que, sim, a mobilidade é um desafio na nossa cidade, tanto o valor como o acesso, de a gente pensar numa mobilidade que, daqui a pouco, pode estar suprimindo essa necessidade. Eu não sei como é essa articulação depois, ou para mandar para uma outra escola, mas até uma ação civil coletiva para ter um transporte do ponto atual para a nova escola, ou para algum ponto ou ter, daqui a pouco, um transporte. Eu penso mais no que nós, como vereadores, podemos ajudar vocês porque tem coisas que fogem da nossa alçada e o objetivo é realmente tentar ampará-los ao máximo que nós podemos. Então, acho que seria uma sugestão, até uma própria reunião com a Defensoria Pública que cuida da parte de educação de repente para entender o que dá para ser negociado junto com o Município para, durante este tempo, este público não ficar desamparado. Se a gente não conseguir nada – acho que a gente sempre tem que pensar –, se não der nada certo, se realmente ficarem em outra escola durante um tempo e essa escola for a 4 km de distância, como a gente não vai desestimular os alunos. Eu me coloco à disposição para tentar auxiliar nessa agenda, o Ver. Jonas, os outros vereadores, para a gente pensar nesta parte de mobilidade que daí, sim, nós, vereadores, temos total pertinência à temática e também de estar protagonizando e auxiliando. Assino junto ao Pedido de Informações e qualquer agenda que venha a acontecer junto ao governo do Estado, me coloco prontamente à disposição. Muito obrigada.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Queria aproveitar aqui que nós estamos falando de alunos, regiões geográficas onde precisam ter escolas e hoje mesmo saiu no jornal Zero Hora uma matéria que diz o seguinte: “O Brasil tem nove milhões de jovens fora da escola e maioria gostaria de concluir os estudos”. Mostra a pesquisa: evasão escolar, 73% dos jovens brasileiros fora da escola e com estudos incompletos gostariam de voltar a estudar; as principais dificuldades na retomada são as necessidades de trabalhar e de cuidar da família. Os dados são da pesquisa Juventude Fora da Escola da Fundação Roberto Marinho/Itaú, que ouviu 1.600 jovens de 19 a 29 anos que não concluíram a educação básica. Então nós estamos falando exatamente o que as

pesquisas mostram que, se o aluno tem isso que o Prof. Alex falou próximo de onde ele mora ou onde ele trabalha, ele vai estudar, se é longe, ele não consegue. Porque as pessoas têm filhos, têm famílias, têm casa para cuidar, se nosso Estado ficar juntando três escolas próximas no eixo da Ipiranga, não tem sentido algum. Essa é a minha preocupação, minha preocupação não é com a obra porque a escolha de fazer a obra foi da Secretaria de Educação e isso já foi comprovado. A secretária neste momento, a Secretaria de Educação desrespeita a Câmara de Vereadores quando não manda nenhum. Representante. Quer dizer, não tinha ninguém da coordenação de gestão, não tinha ninguém da coordenação da Secretaria, não tinha ninguém da Coordenadoria Regional que tem uma coordenadora, tem uma adjunta, tem coordenação pedagógica, tem coordenação de RH, quer dizer, tem mais de 100 pessoas hoje no prédio da Coordenadoria, no Menino Deus, aqui do lado e ninguém podia pegar um carro oficial e vir aqui prestar depoimento para a Prefeitura; são dois mil alunos que nós estamos falando que nós vamos perder uma grande parcela deles ao mudar a escola de local. Eu acho que a gente tem que enviar, Presidente, um documento à Secretaria de Educação muito respeitoso dizendo que nossa Comissão se sentiu desrespeitada por eles não enviarem sequer um assessor. Então acho que isso tem que ficar delineado, porque aqui nós estamos aberto ao contraponto, aberto ao diálogo, à construção, nós somos mediadores nós não somos executores, se a gente fosse executor, provavelmente desta Comissão nós teríamos muito mais escolas nas comunidades. Eu conheço o Conselheiro Marcelo, conheço a sensibilidade do Hamilton também que foi presidente da Casa, o Prof. Alex, a Mari que estamos juntos na questão da educação há algum tempo.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Antes de passar a palavra para os encaminhamentos eu, quando fui conselheiro tutelar, fui um mediador muito ativo, porque tem muitos adolescentes com 15, 16 anos que já não têm mais esta possibilidade de estar no 5º ano, se sentem constrangidos, se sentem meio distantes da realidade, então, nós sempre tivemos essa sensibilidade de o

EJA ser importante. Os próprios diretores têm esse entendimento de que, a partir dos 14, 15 anos, já consegue coloca-los no EJA para buscarem o tempo perdido. E eu fico muito feliz também porque um dos meus assessores foi aluno de vocês e ele completou o ensino médio lá no EJA lá de vocês. Então foi muito importante também para a vida. E, com certeza, eu quero deixar aqui já registrado que vocês vão poder contar, sim, com esta Comissão. Eu, como presidente, já estava aqui pedindo uma reunião com a secretária Raquel. Então com certeza, vamos levar porque isso é um interesse não só nosso aqui, mas de toda a população; não só da cidade, mas também da Região Metropolitana. E o quanto é importante deixar essa cultura do EJA principalmente porque, se fala em EJA: Paulo Freire; já é uma cultura estabelecida na cidade de Porto Alegre. Inclusive para a possibilidade de retomar esses alunos e principalmente incentivar essas pessoas que estão tão desacreditadas, aqueles pais que a gente sabe que tiveram que largar os estudos para cuidar de seus filhos; de pais que infelizmente abandonaram as famílias, e a gente sabe da realidade. Então passo a palavra aqui para o nosso colega Ver. Hamilton, e depois os nossos encaminhamentos finais.

VEREADOR HAMILTON SOSSMEIER (PTB): Boa tarde a todos. Quero cumprimentar o Presidente Marcelo, o Ver. Prof. Alex Fraga, o Ver. Jonas Reis, a Ver.^a Mari Pimentel. A minha fala só para dizer que eu assino junto os encaminhamentos. Aquela localização é uma localização que a Ver.^a Mari Pimentel conhece bem, e eu também sou daquela região. A senhora foi muito cirúrgica quando falou por que uma obra com um investimento tão pequeno de reforma tem que sair do local? E a gente sabe, morando ali não é, Ver.^a Mari Pimentel, que a especulação imobiliária daquele local é muito grande, temos escolas particulares na volta. Por que ter que sair dali numa reforma? Eu administro obras há muitos anos, e a gente sabe que não se tira as pessoas, principalmente, uma escola com todo esse número de alunos para uma simples reforma.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADOR HAMILTON SOSSMEIER (PTB): Exatamente, até porque é esquina. Então está muito estranha a argumentação de tirar a escola, entende? É triste a gente se deparar com uma situação dessa, porque a gente sabe que quando tira uma escola que está atendendo principalmente pessoas que, muitas vezes, não têm condições e vão para outro lugar; os alunos vão para onde? E Eu sou parceiro dos encaminhamentos, Ver. Jonas Reis, Ver. Prof. Alex Fraga, Ver.^a Mari Pimentel e Presidente Conselheiro Marcelo, entendendo que realmente a Secretaria do Estado precisa dar uma explicação. Porque, por mais que ela abranja o Estado, quem responde por Porto Alegre somos nós, quem tem que dar as respostas no dia a dia para as pessoas somos nós e estamos aqui para isso. Então sou parceiro dos encaminhamentos e espero que não só lhes deem respostas, como deem soluções também para isso. Obrigado.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado Ver. Hamilton, e queria, sim, para nós concluirmos esta reunião, encaminhar que nós temos um problema porque, na reunião que a gente fez com a secretária, ela disse que não tem prazo e que o prazo é com a Secretaria de Obras. Então a gente tem que enviar esse ofício, Ver. Prof. Alex Fraga, à Secretaria de Educação e para a de Secretaria de Obras, pedindo as datas, pedindo pormenorizadamente, e a gente encaminha também para o grupo da comunidade escolar. Endossamos aqui a sugestão da Ver.^a Mari Pimentel para que a gente fique em permanente diálogo no que vocês precisarem para a garantir que os alunos permaneçam lá. E pedimos que vocês nos avisem, em um mês, qual o índice de evasão que gerou essa mudança, porque isso é grave, e a gente não pode deixar as pessoas saírem da escola. Nós temos que dar um jeito de organizar a vida dessas pessoas e ajudar, essa é a nossa missão como Comissão de Educação. Agradeço a presença de todas e todos, damos por encerrada, presidente.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Os encaminhamentos já ficaram acertados. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 15h35min.)

TEXTO SEM REVISÃO